

«Just let them come, visit, like birds» — Carlos Alexandre Rodrigues

27 de setembro a 16 de novembro

Do referencial da paisagem, Carlos Alexandre Rodrigues trouxe para esta exposição os cromatismos do sol e da tempestade, aos que se juntam os de outras atmosferas de cariz mais afectivo e corpóreo, resultantes da perscrutação dos lugares de onde estas pinturas virão a nascer. O que lhe interessa, porém, não são as formas concretas e físicas do território, antes as suas características abstractas e subjectivas que resultam da percepção da luz e da cor (ou não fossem o mesmo), da interpretação do silêncio, da sintetização do vazio. É, como o próprio refere, uma tentativa de cristalizar aquela paisagem, naquele momento único e irrepetível porque «Tudo flui como um rio», recuperando o pensamento de Heráclito.

Seguindo a prática naturalista, há um momento inicial em que CAR regista, nos seus preparados de óleos e pigmentos, a cor dominante que encontra no campo, ao ar livre, e como o seu corpo a ele reage. «Why suddenly this emotion, on this occasion, for this picture? Was it something prophetic?». Esse acto de «esboçar a cor» é como uma abstratização dessa paisagem e a expressão cromática da emoção (ou do sentimento?). É aqui que se encontram as duas definições contemporâneas de António Damásio para emoção e sentimento: a emoção como um «programa de acções desencadeado pela mente», e o sentimento como «a experiência mental que temos do que se está a passar no corpo», ou seja, a emoção antecede o sentimento. Nas pinturas que esta exposição apresenta há uma tentativa de criar uma cor que represente essa construção cerebral que é o sentimento. Entre os cadernos de campo e o ateliê, este é um processo longo, demorado, de camada sobre camada de óleo, carvão, grafite, de escurecer e aclarar, de esperar, saber esperar. No papel, tal como na nossa mente.

São, portanto, paisagens poéticas, habitadas por sentimentos e emoções, e pela presença do Homem que aqui se revela com a apropriação de citações do livro «The Sacred and Profane Love Machine», da autoria de Iris Murdoch, escritora e filósofa irlandesa. Como vem sendo habitual no seu trabalho, CAR volta a integrar a Palavra como elemento compositivo da sua obra, mais ou menos visível, mais ou menos óbvio, induzindo ou expandindo outras interpretações do que estamos a ver e a sentir. «Just let them come, visit, like birds».

Ana Matos

Setembro de 2024